



# centro de cultura social

publicação quadrimestral, nº 24, setembro: 3/2007

Rua General Jardim, nº 253 sala 22, Vila Buarque (Metrô República)  
Cartas: Caixa Postal 2066 – CEP 01009-972 – São Paulo/SP – Brasil.  
www.ccssp.org - ccssp@ccssp.org

EDITORIAL

## Incendiando a anarquia

O Centro de Cultura Social de São Paulo (CCS-SP) entra no seu terceiro semestre de atividades em sua nova sede localizada, no centro da cidade São Paulo. Mesmo com as dificuldades em se manter ativo dentro de um momento político complicado que não favorece posturas contestadoras, entrar, com fôlego, nesse terceiro semestre, evidencia algo muito importante para todos os associados e amigos do CCS-SP: a compra da nova sede, que inicialmente trouxe muitas expectativas, consolidou-se como o início de uma nova fase de atuação dessa associação que tem com mais de 70 anos.

Durante os dois semestres anteriores, muitas pessoas passaram pelo CCS-SP trazendo discussões, conversas e encontros que alimentaram a incontestável atualidade das problematizações vinculadas às práticas anarquistas. E é nesse sentido que queremos seguir, fazendo do CCS-SP, um espaço onde essas práticas anarquistas podem ser potencializadas, desdobradas, atualizadas. Seja por meio de conversas, palestras, discussões, e agora, com esse novo formato do Boletim, que surgiu em nossa última assembléia como proposta de nosso sócio e experimentado editor anarquista, Robson Achiamé.

De inédito, essa publicação traz um texto de Errico Malatesta, *Como me tornei socialista*. Um anarquista de presença marcante no anarquismo brasileiro e de especial influência neste Centro de Cultura. Procuramos, também, fazer deste Boletim um espaço de circulação de informações que traz, para leigos ou iniciados, endereços de arquivos anarquistas, publicações libertárias em língua portuguesa e atividades e eventos ligados ao libertarismo realizados pelo CCS-SP e por outros grupos, abrindo uma possibilidade para os que se interessam pelo anarquismo de desdobrar suas práticas e seus conhecimentos, estabelecendo conexões e diferenças.

Nossa programação, que emergiu das discussões de nossa assembléia anual, divide-se em dois eixos temáticos: os arquivos anarquistas no Brasil e os 90 anos da Revolução Russa. Para o primeiro, convidamos pesquisadores e militantes de diversas gerações que se dedicaram a compilar, recolher e sistematizar documentos que mapeiam a atuação anarquista ao longo do século 20. Nesse sentido, poderemos desenvolver temas que não dizem respeito só ao passado, mas nos colocam diante de problemas da contemporaneidade, na medida em que desses arquivos emergem problemas como educação, perseguição policial, controle social, meios de atuação, maneiras de sociabilidade etc.

Em relação à Revolução russa, o tratamento não é diferente. Em nenhum momento trata-se de fazer uma revisão do passado ou a glorificação de momento histórico, mas de puxar o fio desse acontecimento para problematizar a atuação dos anarquistas no presente. O que se sabe sobre a atuação das mulheres na Revolução Russa? Qual o sentido de uma revolução? Como agiram os bolchevistas em relação aos anarquistas? Como agiram as diferentes correntes do libertarismo diante desse acontecimento? Esses são temas que podem, em meio à conversação, nos colocar diante de um problema urgente: qual é a contundência da atuação dos anarquistas hoje?

Ainda sobre a Revolução Russa, trazemos mais duas felizes novidades: a montagem, na sede do CCS-SP, da aula-teatro-vídeo, produzida pelo Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP), dirigida por Edson Passetti e encenada pela atriz Cibele Troyano, *Emma Goldman na Revolução Russa*. E um texto, originalmente publicado na *Revista Libertárias*, de Jaime Cubero, *Reflexos da revolução russa no Brasil*.

Desde a muito tempo procuramos fazer deste boletim um meio eficaz de informação das atividades do CCS, um veículo de divulgação da anarquia e, sobretudo, um instrumento de reflexão e de crítica sobre as coisas e a atualidade de nosso movimento.

Tarefa certamente ambiciosa e difícil; mas, se a cada vez recomeçamos com o mesmo entusiasmo do início, é porque estamos convencidos da sua importância e da necessidade de um periódico que não somente fale das coisas do CCS, mas que divulgue idéias, levante críticas, impulse o pensamento.

Esperamos encontrar a energia necessária em nós mesmos para o início dessa tarefa, mas certamente não saberíamos dar continuidade com o vigor requerido sem a contribuição de nossos amigos e companheiros.

Esse boletim pretende ser um espaço coletivo de crítica, e para tanto ele está aberto para receber textos, ensaios, traduções, fotografias etc., respeitando-se os limites e prazos propostos. Em breve, será formado um conselho editorial que se ocupará dos critérios de publicação.

O desafio é, portanto, mais do que sustentar a periodicidade de um boletim: trata-se de um projeto político de debate e intervenção.

Saúde Anarquia

## CIRA:

### UM ARQUIVO-MONUMENTO ANARQUISTA, 50 anos



O Núcleo de Sociabilidade Libertária e o Centro de Cultura Social, saúdam os 50 anos de trabalho e de resistências que marcam nesse ano a existência do CIRA

Ao longo da história da Anarquia o poder colocou em funcionamento duas estratégias de supressão: uma, a mais estúpida e a mais perigosa para ele mesmo, pois comporta o sinal de seu descrédito e da sua decadência, é a eliminação física dos militantes e que funcionou em alto grau durante os regimes totalitários do século passado. Frente a tal estratégia do poder não se tem muita escolha e as armas para dele se defender são de combate direto. Uma outra estratégia substitui a eliminação física em função da supressão da memória e se expande nos regimes democráticos. Todavia, desde os séculos 19 e 20, mesmo a minúscula e cotidiana luta dos anarquistas foram registradas em intensos arquivos contendo em seu interior as nossas atividades de jornais, revistas, livros, periódicos, pequenos panfletos, números únicos de diversos inícios e recomeços, letras de

canções, peças para teatro, roteiros, depoimentos, alocações, conjunto de imagens, destinados a fazerem circular lutas locais na tentativa de coordenar ações globais.

Nossa tradição textual e imagética com as memórias de lutas de vida e morte travadas em pequenas e grandes batalhas cotidianas é a nossa transmissão de saberes históricos e táticos empregados contra o poder. É composta de saberes de contrapoder, de resistências, de invenções libertárias da vida.

Contra essa existência, para bloqueá-la e provocar seu silêncio, o poder conjugou a momentânea estratégia brutal da eliminação física com a do regular esquecimento da Anarquia, dos anarquismos e dos anarquistas, por meio tanto de dispositivos culturais como a literatura popular, o ensino oficial, a televisão, o cinema, quanto da desqualificação política e acadêmica dos saberes de nossas lutas como sendo superficiais, incompletos e incapazes de renovação política.

Diante do temor à Anarquia e da tentativa de obstruí-la, acontece o trabalho do CIRA nesses últimos 50 anos de existência, numa ininterrupta luta contra o silêncio provocado pelos dispositivos culturais do poder e a desqualificação veiculada pelos saberes oficiais e escolares. É o que faz do CIRA um local ativo de memória que, desde 1957, reconstituiu as palavras, os gestos, as imagens e a letra anarquista como armas de luta no presente. Com outros parceiros, o CIRA forma nosso arquivo-monumento.

A essa luta do CIRA, pela importância da sua continuidade e urgência, ligam-se também o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP) e o Centro de Cultura Social de São Paulo (CCS-SP).

Saúde ao CIRA!

## Apóiem o CIRA!

Centro Internacional de Pesquisas sobre o anarquismo  
<http://www.cira.ch>

O CIRA (Centre International de Recherches sur l'anarchisme) completará 50 anos em 2007. Biblioteca e centro de arquivos, é um lugar de memória graças à generosidade dos autores e editores de livros e periódicos, e ao trabalho salutar de dezenas de pessoas para a conservação e a disponibilização de seus fundos. O CIRA reúne as palavras e as imagens do movimento anarquista, seleciona, cataloga, cria a possibilidade para todas e todos os lerem e verem. O catálogo é consultável *on line* e cada ano um boletim é publicado. O CIRA também organiza, em Lausanne, e outros lugares (como Veneza em 1984), conferências sobre o anarquismo. Bibliografias e outros instrumentos de pesquisa foram produzidos para que o acesso à nossa história seja facilitado.

A situação é simples: o CIRA deve alcançar a soma mínima de 150.000 franco-suíços (cerca de R\$ 240.000,00) para que a biblioteca e o terreno tornem-se seus. Do contrário, deverá transferir-se e suas coleções ficarão em grande perigo, porque é difícil encontrar um lugar para uma biblioteca anarquista a preços que permitam fazer mais que observar a poeira depositar-se sobre os livros e jornais.

Todos podem ajudar o CIRA com doações únicas, cotizações de apoio (a partir de 150 franco-suíços [cerca de R\$ 240,00]) ou simplesmente através de inscrição anual à biblioteca (40 franco-suíços [cerca de R\$ 64,00]):

### Doações fora da Suíça:

Banque Coop, Basel/Bâle/Basilea

Conta: 310985.29.00.90-6

IBAN: CH20 0844 0310 9852 9009 0

Swift: COOPCH BB, Clearing 8448

ou PayPal acessível pelo site: [www.cira.ch](http://www.cira.ch)

CIRA - 24 avenue de Beaumont, 1012 Lausanne CH, (41)215501804

## ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE PESQUISA E OUTROS CONTATOS:

### ITÁLIA:

centro studi libertari /  
archivio "giuseppe pinelli"  
via rovetta 27  
20127 milão

<http://www.centrostudilibertari.it/>  
biblioteca franco serantini  
largo concetto marchesi  
56124 pisa  
<http://www.bfs.it/>  
archivio famiglia berneri - aurelio  
chessa  
via tavolata 6  
42100 reggio emilia  
<http://www.mercatiesplosivi.com/famber.html>

### FRANÇA

145, rue amelot  
75011 paris  
[http://www.chez.com/farouen/la\\_gryffe](http://www.chez.com/farouen/la_gryffe), librairie libertaire  
5, rue sébastien gryffe  
69007 lyon  
<http://lagryffe.net/>  
librairie l'insoumise  
128, rue st-hilaire  
76000 rouen  
[http://www.chez.com/farouen/librairie\\_l'autodidacte](http://www.chez.com/farouen/librairie_l'autodidacte)  
5, rue marulaz  
25000 bensaçon  
<http://lautodidacte.lautre.net/>

### PORTUGAL

associação cultural a vida  
Aparto 2537-1113  
Lisboa Codex - Portugal  
<http://www.utopia.pt/>

### BRASIL

centro de cultura social/biblioteca  
antonio martinez  
rua gal. jardim n.253 sala 22  
vila buarque - sp/sp.  
[www.ccssp.org](http://www.ccssp.org)  
núcleo de sociabilidade libertária  
rua monte alegre n.984, prédio novo, 4º  
andar, sala 4E-20  
perdizes - sp/sp  
[www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org)

editora imaginário  
rua ciro costa n.94, cj. 01  
perdizes - sp/sp  
[www.editoraimaginario.com.br](http://www.editoraimaginario.com.br)  
edgar rodrigues  
caixa postal 18.107  
20720-970 rj/rj

editora achiamé  
rua clemente falcão, 80-A - sobrado  
tijuca - rio de janeiro/rj - 20510-120  
[www.achiamé.net](http://www.achiamé.net)

biblioteca social Fábio Luz  
rua torres homem n.790  
vila isabel - rj/rj  
<http://sarava.org/farj/>

## Controle eletrônico, soberania do Direto e a eterna crença no Estado

Acácio Augusto\*

A instauração do *Patriotic Act* nos EUA, medida presidencial que suspendia as liberdades civis em nome da defesa do Estado contra o terrorismo, parece ter reaberto uma discussão acerca dos perigos tirânicos que rodam a democracia representativa. Giorgio Agambem, no livro *Estado de Exceção*, imprime uma dimensão jurídico-política à formulação de Ciência da História de Hanna Arendt em *Origens do Totalitarismo*. Partindo da defesa da democracia liberal, baseada em leis de freios e contrapesos, a autora alemã dizia que ao negligenciar as regras da disputa política dentro dos moldes democráticos e as garantias das liberdades individuais – atributos básicos do liberalismo e fruto do iluminismo –, um *Estado de Direito corre o risco de regressar ao totalitarismo da noite para dia*. Nesse sentido, o conceito de *estado de exceção* formulado por Agambem nos mostra a ativação desse retorno ao totalitarismo, funcionando no interior do instituto jurídico do Estado Democrático contemporâneo.

Michel Foucault, interessado na história política, diz que *a política é a guerra continuada por outros meios*. Com isso ele provoca um deslocamento para outro campo de análise relativo ao uso moderno do Direito. Se a política é uma guerra e o direito um campo de batalha, suas regras, avanços e recuos configuram-se segundo a composição estratégica das forças, e com o sangue ainda não muito seco dos vencidos se escrevem os códigos jurídicos resultantes destas lutas. Assim, mais importante que as regras instituídas, passa a ser o campo de batalha onde se define o jogo de forças em luta, envolvidas numa disputa específica, que ao se traduzir em Direito, pretende-se geral.

Quando hoje se assiste ao espetáculo da *eficientíssima* Polícia Federal prendendo políticos e empresários em rede nacional de televisão, é inevitável olhar para o exercício do Direito como um instrumento de batalha e perceber os usos desses dispositivos específicos atrelados a ele e à tecnologia punitiva. São dispositivos que envolvem não só a letra, mas policiais, magistrados, advogados, promotores, imprensa etc.

Uma maneira possível de mapear esse campo de luta é pela observação do posicionamento dos diferentes órgãos de imprensa que compõem a chamada opinião pública. De um lado, estão os que vêm nas ações da Polícia Federal e nas representações do Ministério Público, a realização suprema da justiça que desfaz a assimetria da aplicação do Direito e do castigo, punindo e investigando, também, os ricos e poderosos. Com isso, pretende-se desfazer a sensação de impunidade que dizem ser a marca de nosso poder judiciário. Exemplos deste tipo de argumentação estão na notícia de capa da revista *Caros Amigos* do mês de julho e do editorial da *Folha de São Paulo* de 29/08/2007. De outro lado, temos os que vêm nessas ações policiais o abuso de poder. Apontam o uso de instrumentos jurídicos de excepcionalidade e de aparelhos de alta tecnologia em investigações, como

artifícios que ferem as garantias mínimas do Estado Democrático de Direito, como medidas que chegam a suscitar saudades da Ditadura Militar, por esta não ter sido tão excepcional com seus réus, e levam, também, a suspeitas de perversão de uma parte do contingente policial, especificamente no do uso ilegal que faz a Polícia Federal das escutas telefônicas, como mostra a reportagem com Ministros do Supremo Tribunal Federal feita pela revista *Veja*, em 22 de agosto de 2007, com o nome de *A sombra do Estado policial*.

Em nenhum dos casos questiona-se a positividade da pena, do Direto, da polícia e do discurso punitivo que recobre os dois lados da moeda. As investigações devem seguir, a lei deve ser respeitada e os culpados devem ser punidos. Nesse sentido, a divisão simplista entre esquerda e direita que poderia ser feita, opondo as revistas *Veja* e *Caros Amigos*, se desfaz. Uma e outra, partem de um ponto de vista específico de seus interesses, mas falam da mesma perspectiva nesta batalha. A variação que faz com que uma defesa a prisão para crimes do colarinho branco e a outra se assuste com a ofensiva do Estado, não altera o fato de ambas reafirmarem a crença eterna no Estado como legítimo regulador das relações sociais.

Casos como estes explicitam que o risco de voltarmos a um Estado totalitário ou de vivermos sob um *estado de exceção* dentro de uma democracia não é muito grande. Mostram que o exercício do poder hoje é muito mais complexo do que as simples divisões binárias no pensamento jurídico-político que opera pela oposição entre esquerda e direita e entre totalitarismo e democracia. Estas oposições não dão mais conta de entender o atual exercício da política e do Direito.

No entanto, uma coisa que talvez seja possível anotar é que o conceito de justiça se irmanou definitivamente ao de punição, da mais sutil a mais dura, e que a exceção não se apresenta como estatuto jurídico-político, mas como dispositivo democrático que combinado com os dispositivos eletrônicos de controle dos fluxos é acionado constantemente para a correção de rotas e a conservação da ordem.

Nesse sentido, torna-se pertinente a pergunta: o que fazem os anarquistas diante desse quadro, onde uma simples oposição ao Estado não basta? É evidente que a sutileza do controle democrático não desperta tanta indignação quanto a dureza do terror de regimes totalitários. Os anarquistas enfrentam o fascismo e são opositores históricos do Estado, do Direito, da prisão, da punição; esta luta sempre se fez por meio da fomentação de práticas anárquicas que possibilitaram o atravessar de resistências. Hoje onde estão essas práticas? Quais encontros possibilitam a diferenciação em um quadro de dominação onde as oposições dentro/fora esquerda/direita se desfizeram? Diante das críticas que se complementam para correção de rotas e conservação da ordem, cabe se perguntar quais as forças interessadas em afirmar o caos?

\* Integrante e pesquisador no Nu-Sol ([www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org)) e sócio do CCS-SP.

### NOTA

Nos dias 7, 8 e 9 do mês de setembro, em Firenze, Itália, ocorreu a 3ª *Vitrine das editoras anarquistas e libertárias do mundo todo*. Uma das principais feiras anarquistas do planeta, que terá além da mostra de livros e periódicos, vídeos e apresentações dramáticas. O Centro de Cultura Social de São Paulo participou da feira junto com a Editora Achiamé do Rio de Janeiro. Completa as participações de grupos do Brasil nessa feira o Nu-Sol com a revista *Verve*.

### EXPEDIENTE:

boletim informativo do  
centro de cultura social

• Editores: acácio augusto,  
nilton melo,  
nildo avelino.

• Arte e impressão:  
robson achiamé.

• Contatos: [ccssp@ccssp.org](mailto:ccssp@ccssp.org)

• Textos para publicação: até duas  
laudas, após aprovação. O boletim  
fecha todo dia 25 do primeiro mês  
de cada quadrimestre.

## SERVIÇO DE LIVRARIA

ADMINISTRAÇÃO, PODER E IDEOLOGIA  
MAURÍCIO TRAGTEMBERG R\$ 30,00  
A DOUTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE  
DE TODOS  
JOSÉ OITICICA R\$ 15,00  
ANARQUISMO HOJE, O - PROJETO PARA A  
REVOLUÇÃO SOCIAL  
UNIÃO REGIONAL RHONE R\$ 20,00  
ANARQUISMO UM INTRODUÇÃO FILOSÓFICA  
E POLÍTICA  
SILVIO GALLO R\$ 18,00  
A QUESTÃO PALESTINA  
EMILIO GENNARI R\$ 20,00  
A SOCIEDADE CONTRA O ESTADO  
PIERRE CLASTRE R\$ 5,00  
CURSO LIVRE DE ABOLICIONISMO PENAL  
EDSON PASSETTI R\$ 20,00

DIREITO À PREGUIÇA, O  
PAUL LAFARGUE R\$ 15,00  
EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO, ANARQUIA  
GUILHERME CORRÊA R\$ 28,00  
ESBOÇO PARA UMA HISTÓRIA DA ESCOLA  
NO BRASIL  
MARIA OLY PEY, org R\$ 18,00  
FOUCAULT, HISTÓRIA E ANARQUISMO  
MARGARETH RAGO R\$ 20,00  
MEMÓRIAS INCOMPLETAS  
EDGAR RODRIGUES R\$ 35,00  
O MITO POLÍTICO NO TEATRO ANARQUISTA  
BRASILEIRO  
DIMAS ANTONIO DE SOUZA R\$ 20,00  
OS ANARQUISTAS JULGAM MARX  
VÁRIOS R\$ 25,00

PALAVRAS DE UM REVOLTADO  
PEDRO KROPOTKIN R\$ 45,00  
RESISTÊNCIA ANARQUISTA  
RAQUEL DE AZEVEDO R\$ 47,00  
RICARDO FLORES MAGÓN  
DIEGO ABAD SANTILAN R\$ 25,00  
TRÊS DEPOIMENTOS LIBERTÁRIOS  
JAIME CUBERO, DIEGO GIMENEZ,  
EDGAR RODRIGUES R\$ 28,00  
UM EPISÓDIO DE AMOR LIVRE NA COLÔNIA  
CECÍLIA  
GIOVANI ROSSI R\$ 15,00  
VAN GOGH: O SUICIDADO PELA SOCIEDADE  
ANTONIN ARTAUD R\$ 12,00  
REVISTA VERVE (2;3;4;5;6;7;8;9;10;11)  
NU-SOL R\$ 15,00

por correio (envie lista com os títulos desejados para caixa postal 2066 – São Paulo – SP- CEP 01009-972) ou [ccssp@uol.com.br](mailto:ccssp@uol.com.br) juntamente com comprovante do depósito bancário, no valor correspondente da compra, na conta do ccs - banco itau, c/c 68704-1, agência 0211

# REFLEXOS DA REVOLUÇÃO RUSSA NO BRASIL

Jaime Cubero

Os fundadores da I Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) jamais poderiam imaginar os rumos que tomariam as idéias socialistas quando, face à questão do proletariado, em janeiro de 1859, propunham: "...a negação absoluta de todos os privilégios; negação absoluta de toda autoridade e a emancipação do proletariado... O governo social não pode ser mais do que uma administração nomeada pelo povo, submetida ao seu controle e sempre revogável quando for julgado inconveniente". Tinham uma visão clara e objetiva de seus propósitos e finalidades.

Durante os congressos da AIT foram-se aprofundando as diferenças entre as correntes que culminaram com a divisão clara entre socialismo libertário (anarquista) e socialismo autoritário (marxismo). Bakunin e seus companheiros, preconizavam o socialismo libertário, ação direta revolucionária para destruir o Estado e as instituições burguesas e capitalistas; Marx defendia o comunismo estatal, autoritário, pela conquista do poder e, a partir do Estado, fazer a revolução transformadora, com uma elite dirigente do partido único que instalasse a "ditadura do proletariado".

Quando, após o 5º Congresso, realizado em Haia, em 1892, Marx e seus seguidores decidem transferir o Congresso Geral da AIT para os Estados Unidos, acabando praticamente com a I Internacional – posteriormente reconstituída e existindo até hoje com orientação e estrutura anarco-sindicalista – os anarquistas passaram a atuar no movimento operário e os marxistas em partidos políticos para a conquista do poder via parlamento através da II Internacional.

O movimento anarquista de massa se desenvolve imbricado ao movimento operário em muitos países e no Brasil o anarco-sindicalismo se constitui num poderoso agente histórico, responsável pela emergência da classe operária e pelas conquistas dos trabalhadores, posteriormente condensados na legislação trabalhista.

O ano de 1917 foi extraordinariamente marcado por acontecimentos que apontavam para profundas mudanças no mundo. A Revolução de Fevereiro na Rússia, provocando a queda do Czar, repercute profundamente no Brasil, e os anarquistas passam a dedicar grandes esforços em prol dos revolucionários russos, inclusive com campanhas financeiras.

Depois da greve geral de 1917, apesar da intensa repressão, o movimento se desenvolve de forma extraordinária, chegando a publicar jornais diários como

*A Plebe* e *A Vanguarda*.

A Revolução de Outubro de 1917 é recebida como uma revolução libertária, saudada com entusiasmo pelo movimento anarquista. As expectativas são enormes e uma série de atividades se desenvolve como conseqüência. Enquanto na Rússia se desenrola a tremenda luta do Movimento Makhnovista (anarquista) contra as tropas de Wrangel e Denikin (1918-1921) garantindo a vitória da revolução e estabelecendo uma verdadeira organização libertária nos campos da Ucrânia, garantindo inclusive o abastecimento de trigo em Moscou; enquanto os exércitos regulares do governo soviético, comandados por Trotski, depois da certeza de que os generais czaristas e as tropas invasoras tinham sido aniquilados pelas forças makhnovistas e já não ofereciam perigo, atacam traiçoeiramente o movimento,

descumprindo os pactos feitos anteriormente e fuzilando muitos dos seus participantes; enquanto ainda em março de 1921 se desenrola o massacre dos marinheiros do Kronstad por defenderem os operários e o princípio proclamado por Lenin, "todo poder para os soviets", antes de que o poder dos bolchevistas se consolidasse e passasse a vigorar a ditadura férrea dos capatazes do partido, no Brasil os anarco-sindicalistas passam a criar organizações sob o signo do



que era então chamado de maximalismo ou maximismo. Em vários pontos do país surgem agrupamentos denominados maximalistas ou comunistas, como em Porto Alegre o "Grupo Maximalista", no Recife "Círculo Maximalista" e até "Liga Comunista Feminina" no Rio de Janeiro etc etc.

Nas comemorações, nos comícios, nas assembléias das associações de trabalhadores exaltava-se a Revolução Russa com discursos inflamados de solidariedade, sempre imbuídos do caráter libertário, anarquista.

A comemoração do dia 1º de maio de 1918 foi marcadamente voltada para a Revolução Russa, não só pelos atos realizados como pelas matérias publicadas nos jornais do movimento. Num período de muita agitação e muitas greves devemos destacar a chamada "Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro". A partir do que alguns chamaram de "Soviete do Rio", organiza-se um movimento insurrecional tendo à frente os militantes anarquistas que mais haviam se destacado durante o ano de propaganda libertária com artigos na imprensa, conferências, cursos e palestras nos sindicatos operários.

Com base numa greve geral se pretendia pela força das armas derrubar o governo constituído, e a "exemplo da Rússia", formar uma junta de operários e soldados que abrisse caminho para a construção de uma sociedade sem classes e sem exploração, sem Estado e sem dominação.

A data escolhida foi 18 de novembro de 1918. Foi marcada uma concentração no Campo de São Cristóvão. Entre 15 e 16 horas os trabalhadores têxteis do Rio e cidades vizinhas paralisaram o trabalho, assim como os metalúrgicos e os operários da construção civil. Muitos grupos operários foram engrossando a massa. Soldados da Brigada Policial ameaçaram empregar a força prendendo os mais exaltados. No confronto, tiroteio intenso e bombas, explosão de carro da polícia e fuga precipitada dos operários. O plano previa atacar a Intendência de Guerra na expectativa de que os soldados confraternizassem com eles. Dinamitariam o edifício da Prefeitura, atacariam o Palácio e o Quartel General da Brigada Policial. Enquanto isso, outros atacariam o Palácio do Catete e em seguida o da Câmara prendendo o maior número de deputados possível e proclamariam o Conselho de Operários e Soldados. Na expectativa alimentada pela experiência da Rússia, pelo processo revolucionário da Alemanha onde as tropas se juntavam ao povo, esperavam a adesão dos escalões inferiores das Forças Armadas.

Entretanto, os soldados do Exército e os da Brigada Policial não aderiram e cumpriram com rigor seu papel de *carrascos do povo*. E mais que isso, haviam sido preparados antecipadamente, pois foi um militar, o tenente do Exército Jorge Elias Ajus, o responsável imediato pelo fracasso da insurreição. Infiltrado no movimento, passando-se por anarquista, informava os superiores com detalhes dos preparativos da insurreição. Enganando a todos, ele era o responsável pela estratégia militar do levante. Assistia todas as reuniões na residência e no escritório de José Oiticica, que foi preso por volta de 14 horas em seu escritório. Entre os muitos presos estavam Astrogildo Pereira, José Elias da Silva e João da Costa Pimenta que depois participariam da fundação do Partido Comunista Brasileiro. José Oiticica, sendo indicado presidente do Conselho durante os preparativos e como a principal figura no episódio chegou a ser chamado de "Lenin Brasileiro".

Os grupos chamados maximalistas proliferaram, todos defendendo princípios libertários, e a partir destes princípios os anarquistas do Rio de Janeiro fundam o Partido Comunista Libertário, em 8 de março de 1919, com adesão das ligas comunistas e maximalistas.

Tudo influía para fazer acreditar que a sociedade socialista libertária viria da Rússia. Kropotkin e Bakunin eram exaltados como grandes figuras do processo revolucionário.

O Partido Comunista Libertário lança as bases de acordo em março de 1919 e marca um congresso para junho. O secretário-redator dos princípios e fins, José Oiticica, é impedido pela polícia de comparecer mas publica em redação definitiva, no jornal anarquista *Spartacus*, de 16 de agosto de 1919, o que seria o catecismo comunista. Um longo programa em que ao mesmo tempo que uma série de definições sobre princípios e propostas para a reorganização social. Para o anarquista, comunismo libertário e anarquismo eram sinônimos, daí a expressão "comunista" ser muito usado na época.



Makhno

Texto originalmente publicado na *Revista Libertárias*, nº 1, outubro/novembro de 1997.

Jaime Cubero participou da reativação do CCS-SP nos anos 1980. Foi nessa época, um dos principais responsáveis por suas atividades. É sempre lembrado por sua contundente inteligência autodidata, por sua generosidade e humor para com pesquisadores e militantes anarquistas.

No dia 1º de maio de 1919 é lançado em São Paulo um livrinho com o título *O que é Maximismo ou Bolchevismo – Programa Comunista*, por Hélio Negro e Edgard Leuenroth. Depois de uma “Explicação Prévia” o livro se inicia dizendo: “Este livro destina-se aos trabalhadores do Brasil, a fim de lhes dizer o que é *Bolchevismo* ou *Maximismo* e o ‘Comunismo’ que numa palavra – é o *socialismo*” e mais adiante: “Atualmente, na Rússia, conforme a sua constituição, aprovada em janeiro de 1918 pelo 3º Congresso Pan-Russo dos soviets, está estabelecida uma organização política e econômica de transição que dá aos trabalhadores e soldados o poder da nação”, e prossegue, “O capítulo V – art. 9 determina que o princípio essencial da constituição da República Federal dos soviets no período de transição atual, enquanto durar a situação revolucionária, reside na instauração do poder do proletariado urbano e rural e *dos camponeses mais pobres, com fim de suprimir a exploração do homem pelo homem e de fazer triunfar o socialismo sob cujo regime não haverá divisão de classes, nem poder de Estado*”.

Seguem-se uma série de medidas que pressupõem o caminho para o tão almejado comunismo libertário. Depois de uma análise crítica da conjuntura nacional, inclusive com estatísticas econômicas etc., expõe a organização dos trabalhadores que pode promover a revolução social. Em seguida, o livro apresenta o *Esboço de Programa Comunista* com as normas e diretrizes para a reorganização da sociedade, tratando de “Serviços Públicos”, instrução, produção e distribuição de bens, saúde, religião, relações internacionais etc. etc.

O Partido Comunista Libertário foi se diluindo aos poucos até desaparecer, à medida que as notícias, embora desconhecidas, começaram a chegar apontando os desvios da Revolução Russa, já em fins de 1919 e durante 1920.

Muitas informações eram tidas sob suspeita, sob pretexto de que eram veiculadas pela imprensa burguesa. Denunciar o que vinha ocorrendo na Rússia requerida convicções firmes e muita coragem.

Florentino de Carvalho foi o primeiro anarquista brasileiro de projeção a atacar os bolchevistas russos. Em 20 de março 1920 ele escreve em *A Plebe*: “Não é verdade que os anarquistas sejam partidários da ditadura, da lei, do Estado. Na Rússia, por exemplo, tanto não estão conformes com a ditadura do proletariado, que chegaram a sustentar contra os maximistas, verdadeiras batalhas nas ruas de Petrogrado e Moscou”.

Quando à maioria dos anarquistas brasileiros acreditava que tais relatos eram simples deturpações da imprensa burguesa, as controvérsias se multiplicam e o próprio Florentino de Carvalho, em setembro, denunciava a criação do Partido Comunista Libertário, afirmando possuir documentos para provar que o regime russo “é essencialmente contrário aos nossos princípios”.

Manifestações contundentes se multiplicam contra os bolchevistas na medida em que as notícias sobre o massacre de anarquistas e socialistas revolucionários chegam ao Brasil.

Durante os primeiros meses de 1921, um emissário do regime russo procura Edgard Leuenroth propondo-lhe a fundação do Partido Comunista do Brasil, ante sua recusa, pede-lhe que indique outra pessoa. Leuenroth indica Astrogildo Pereira que insistia nessa idéia sob a alegação de que era o caminho mais curto e eficaz para chegar ao socialismo libertário. Astrogildo ainda acreditava que a Revolução Russa era o caminho.

O Partido Comunista do Brasil foi fundado num congresso realizado no Rio de Janeiro de 25 a 27 de março de 1922, por 11 ex-anarquistas e um socialista.

A campanha antianarquista conduzida pelo PCB começou em abril de 1922, com artigo de Antonio Bernardo Canellas, na publicação *Movimento Comunista*. Canellas, o mesmo que foi delegado do PCB ao 4º Congresso da 3ª Internacional, em Moscou, e voltou denunciando as atrocidades do regime soviético. A partir do seu relatório publicado à revelia do partido se instala uma verdadeira guerra entre anarquistas e bolchevistas, onde se destacam José Oiticica, Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho e outros.

No 2º Congresso da 3ª Internacional (Comintern) Lenin apresenta os famosos “21 princípios” segundo os quais, na formação dos partidos comunistas nacionais, subordinados a Moscou, as organizações operárias que não pudessem ser cooptadas deveriam ser destruídas. Segundo Lenin “a missão da forma não é convencer, mas dispersar as filas dos adversários, não é melhorar os seus defeitos, mas aniquilar a sua organização e a sua atividade, extirpá-las da Terra. A forma deve ser tal que insite aos piores pensamentos e à sua suspeita, e leve o caos e a desorientação às fileiras do proletariado”.

A aplicação das rígidas instruções de Moscou levam os bolchevistas brasileiros a criar a chamada “Tcheca do Brasil” verdadeiro “Esquadrão da Morte” destinado a eliminar militantes anarquistas, matando Antonino Domingues e outros companheiros. Tentativa de assassinato de

José Oiticica e outros. Eles tumultuavam as reuniões das entidades operárias impedindo que os trabalhos se desenvolvessem. A ação dos comunistas foi mais deletéria ao movimento operário do que as perseguições da polícia e todas as formas de repressão. Seria exaustivo registrar de forma circunscrita e exigiria volumes, o que foi a ação do PCB contra os anarquistas e o movimento operário. Traições, calúnias usando rótulos mentirosos, empregando os mais sórdidos recursos para cumprir as ordens vindas de Moscou.

Quando toda a imprensa burguesa internacional fazia guerra contra a Revolução Russa, a posição dos anarquistas, denunciando seus desvios e atrocidades, era no mínimo incômoda. Daí o rótulo, de profunda má-fé, de “pequenos burgueses” que os bolchevistas aplicaram aos anarquistas.

Os anarquistas, além da luta tenaz contra as instituições burguesas, passaram a sustentar uma verdadeira guerra contra a impostura bolchevista. Além do número incalculável de artigos na imprensa libertária, lembramos entre outros os de José Oiticica na grande imprensa, como *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, e apenas como exemplo a série de artigos publicados no jornal *A Pátria*, em junho de 1928, sob o título “Como Eles Mentem”. O primeiro artigo de uma série de 10 se inicia com as seguintes frases, que permitem aquilatar a violência da linguagem: “Às injúrias da *caterva* bolchevista, nós anarquistas, respondemos com fatos. É o melhor argumento, o único verdadeiramente valioso para os trabalhadores. Para isolá-los do miasma soviético basta-nos ir desfazendo, uma por uma, as imposturas empacotadas em Moscou, despachadas pelo mundo afora e distribuídas aos incautos...tenho tido ocasiões várias de patentear despudoradas mentiras bolchevistas e cumpre-me agora nessa missão higiênica, opor creolina às invencionices da Internacional Sindical Vermelha...”

O reflexo do movimento anarquista no Brasil deu-se em consequência de uma série de fatores, cujas coordenadas culminaram com o golpe de Estado getulista em novembro de 1937 e a ação do PCB foi de importância muito relativa, ao contrário do que muitos pretenderam fazer crer, por desconhecimento ou má-fé. Basta dizer que quando os anarquistas se empenhavam na luta antifascista, quando se deu o confronto com os integralistas, na Praça da Sé, em outubro de 1934, o PCB, segundo seus próprios dados publicados na revista *Divulgação Marxista*, contava com aproximadamente 1000 filiados em todo o território nacional, contra mais de 80 sindicatos filiados só na Federação Operária de São Paulo, entidade anarco-sindicalista.

## As lições que ficaram

As contundentes críticas de Bakunin se confirmaram e seu pensamento nunca foi tão atual: “Liberdade em socialismo é o privilégio, a injustiça; o socialismo sem liberdade é a escravidão e a brutalidade”.

O socialismo autoritário, impregnado de idéias absolutistas, característica de todos os movimentos marxistas, desenvolveu-se a partir da idéia e da ação para a conquista e o fortalecimento do Estado – todas as doutrinas e ideologias cujos adeptos visam à tomada de poder, com finalidade nobre ou não, ou são totalitárias na sua essência – como o nacional-socialismo, melhor dizer, nazismo – ou passam por estágios e etapas que acabam na intolerância pois:

- 1) Toda doutrina é considerada pelos adeptos como certa e eficaz;
- 2) Como a mais certa e eficaz;
- 3) Como a única certa e eficaz.

Ao alcançar esse terceiro estágio, toda e qualquer oposição é considerada herética e dispende de força física, no caso a conquista do poder do Estado, ela o empregará para combater e eliminar opositores e até partidários dúbios e vacilantes. Na União Soviética e em todos os países onde controlaram o poder foram-se cumprindo as previsões de Rosa Luxemburgo sobre as propostas bolchevistas e toda sua gestão da revolução: “A ditadura do proletariado seria uma ditadura *sobre* o proletariado através das seguintes etapas; o partido usurparia as funções da classe, o Comitê Central, usurparia as funções do partido, o Birô Político usurparia as funções do Comitê Central e o Secretariado Geral usurparia as funções do Birô Político”. A *autocracia* é, pois, o resultado real do “Centralismo Democrático” de Lenin.

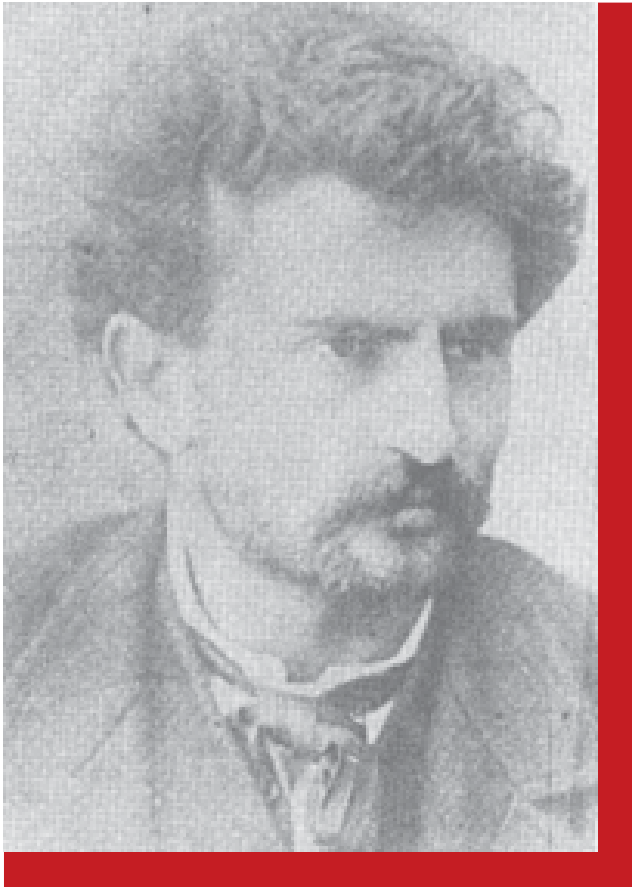
No alvorecer de um novo milênio, ante tudo o que ocorreu neste século, face às dezenas de milhões de mortes provocadas pelos “socialismos” totalitários, nazismo, fascismo, comunismo etc., só resta um caminho para superar a barbárie: o socialismo *libertário* ■



Fundadores do Partido Comunista Brasileiro (março de 1922).

De pé da esq. para a dir.:

Manuel Cendon, Joaquim Barbosa, Astrogildo Pereira, João da Costa Pimenta, Luís Peres e José Elias da Silva: Hermogênio Silva, Abílio de Nequete e Cristiano Cordeiro.



# COMO ME TORNEI SOCIALISTA

Errico Malatesta

*Tradução a partir da publicação original: "La repubblica dei giovanetti e quella degli uomini colla barba". La Questione Sociale, Florença, ano I, n. 3, 05/01/1884. Porém, retomei o título da versão publicada na revista Volontà, "Come divenni socialista", Nápoles, ano I, n. 8-9, 01/03/1946, pp. 56-59. Malatesta, nascido em 14/12/1853, tinha 30 anos recém-completados quando escreveu esse artigo; na época, é preciso dizer, socialismo era sinônimo de anarquismo. Como mostra o artigo, ele foi na adolescência um mazzinianiano fervoroso. Em 1868, quando tinha 14 anos, foi levado à delegacia sob acusação de enviar um epigrama escrito em latim ao rei Vittorio Emanuele II em que o chamava de "o mais impudico de todos os homens".*

*Malatesta jamais falava de si mesmo, daí esse escrito ser particularmente interessante porque é, talvez, a única exceção em que usou a primeira pessoa na sua propaganda. Morreu em Roma, em 22/07/1932, de pneumonia, sob o fascismo e aos 79 anos: "Se apagou assim, lentamente, como uma luz em cujo pavio acabasse o querosene", escreveu sua companheira Elena Melli.*

Nildo Avelino

republicano; e como republicano conheci pela primeira vez as prisões monárquicas.

Em seguida, comecei a refletir. Estudei a história que até então tinha aprendido em manuais estúpidos e mentirosos, e vi que a república tinha sido um governo como os outros ou pior que os outros, e que tanto na república quanto na monarquia existe miséria e injustiça, em ambas metralha-se o povo quando esse procura sacudir a opressão. Observei os países contemporâneos e percebi que aqueles onde existe república não estão melhores daqueles onde existe a monarquia. Na América existe a república e, com tanta extensão de terra livre, com tanta abundância de produção, existem pessoas que morrem de fome; existe a república e, malgrado a liberdade e a igualdade escritas na constituição, quem é pobre não tem a dignidade de homem e a cavalaria dispersa com golpes de cassetete ou de sabre os operários que reclamam pão e trabalho; existe a república e reduz-se ao desespero e se caça como selvagens as populações indígenas... Que estou dizendo? Na América, como antes em Roma e Grécia, percebeu-se que a república é compatível com a escravidão!

Existe república na Suíça e existe miséria, dominam os padres protestantes ou católicos, não é permitido habitar em qualquer cidade sem permissão governamental e os livres cidadãos suíços barganham seu voto por qualquer copo de cerveja!

Existe república na França (recentemente estabelecida), começou sua existência massacrando 50.000 parisienses, continua enfeudando-se com os padres e envia suas tropas a toda parte onde os trabalhadores rejeitam os chefes para obrigá-los a submeterem-se aos patrões e a suportar submissos sua miséria.

Portanto, disse a mim mesmo, a república não é aquela que tinha sonhado; uma coisa é a vaga aspiração do colegial e outra coisa, bem outra, é a realidade. Meus companheiros mais velhos, que eu considerava como mestres, diziam que a república existente não era a verdadeira e que na Itália a república traria justiça, liberdade, bem-estar, igualdade; mas sabia que as mesmas coisas foram ditas na França antes que a república triunfasse; sabia mesmo que coisas parecidas dizem e prometem todos os partidos que têm necessidade do apoio popular para alcançar o poder e então... quis ver mais claramente.

A natureza de uma sociedade não pode depender, pensei, de nomes e das formas acessórias, mas sim das relações de cada um de seus membros entre si e com o coletivo. Nem o efeito de uma transformação na organização social pode ser determinado unicamente pelos desejos e pelas intenções do partido que o preconiza, porque um partido que aceita e cria certas posições sofre as conseqüências ou se perde em impulsos de rebelião que permanecem estéreis até quando esse partido não decide sair da posição em que se colocou.

Dediquei-me a examinar a essência da sociedade moderna, a natureza das relações sociais, a origem dos poderes públicos, o funcionamento dos fatores políticos e econômicos, e tudo me levou a concluir que entre

monarquia e república não existe diferença essencial. Então, não mais me maravilhei que as repúblicas tanto se assemelhem à monarquia. A primeira necessidade do homem, a condição necessária da sua existência sendo a nutrição, é natural que o caráter de uma sociedade seja principalmente condicionado pelo modo com o qual o homem obtém os meios de subsistência, pelo modo como se produz e se distribui a riqueza: os fatores econômicos dominam toda vida social. Na monarquia todos os meios de produção são propriedade de poucos indivíduos e a massa, que tem somente a força de trabalho, deve recorrer para trabalhar a quem possui esses meios, e suportar as condições. A distribuição dos produtos é baseada sobre a necessidade recíproca, mas não igual, que patrões e operários tem um do outro, e pela concorrência que os esfomeados travam entre si. E porque os patrões têm a vantagem da posição consolidada e, sobretudo, têm o monopólio das riquezas, enquanto o trabalhador tem necessidade de trabalhar todos os dias para poder comer; e também porque existem sempre mais operários do que precisam os patrões, então o salário de quem trabalha não ultrapassa normalmente o estrito necessário à mais primitiva existência vegetativa. Com isso e no fim das contas, existe na monarquia, de um lado, uma pequena classe dominante corrupta e corruptora, e de outro, uma massa miserável e embrutecida.

Seria diferente na república? Certamente não, porque a república conservou intacta a base da organização atual, a propriedade individual, e não pode escapar às conseqüências desse tipo de propriedade. Mas, dizem os republicanos mais avançados, na república comanda o povo mediante o sufrágio universal: façamos a república e o povo modificará, se julgar necessário, o organismo da propriedade. Porém, o sufrágio universal existe igualmente na monarquia e o povo se serve dele para sancionar sua sujeição: como é possível, pelo simples fato de expulsar o rei e mudar um nome por outro, o povo conquistar a consciência, a capacidade que lhe falta agora? Além disso, a república foi realizada muitas vezes e em muitos países, e o sufrágio universal não lhe deu melhores resultados que na monarquia; por que seria diferente dessa vez?

Que importância tem reconhecer um direito ao povo, quando esse povo não tem a capacidade e os meios para dele se servir? Já o disse, os fatores econômicos dominam tudo: um povo que morre de fome será sempre estúpido e escravo e, se votar, votará pelos seus patrões.

Portanto, é preciso sair do quadro das idéias republicanas; e, ao invés de aceitar como ponto de partida a atual posição econômica, é preciso começar por transformá-la radicalmente, abolindo de fato a propriedade individual. Com isso, seremos todos assegurados pela assistência, seremos iguais diante da riqueza e talvez poderemos começar a nos entender.

Após todas essas coisas observadas e refletidas, veio a mim aquilo que vem sempre aos homens de coração que estudam sem preconceitos as leis da convivência humana: compreendi que a república é uma boa forma de governo apenas para sancionar e defender, como todos os governos, os privilégios existentes – e me tornei socialista. ■

Faz mais de quinze anos, eu que escrevo era um adolescente estudante de retórica e história romana, grego, latim e da filosofia de Vincenzo Gioberti. Malgrado a boa vontade dos meus professores, a escola não conseguiu sufocar a natureza e conservei, em meio ao ambiente cretino e corruptor do colégio moderno, a mente sã e o coração intacto.

Natureza afetuosa e ardente, sonhava um mundo ideal onde todos se amassem e fossem felizes; e quando a fantasia, cansada, me abandonava à realidade, observava aqui alguém que tremia de frio e de fome, implorando humildemente a esmola de uma migalha de pão; ali crianças que choravam; acolá homens que se lastimavam; meu coração se angustiava de horror.

Em seguida, observando mais atentamente, me dei conta que uma enorme injustiça, um sistema absurdo pesa sobre a humanidade, condenando-a ao sofrimento: o trabalho degradante e tornado infame, o trabalhador que morre de fome para alimentar as orgias do seu patrão ocioso. O coração enchia-se de ira e pensava nos irmãos Tibério e Caio Graco e em Espartáco, e sentia em mim o ânimo de um tribuno e de um rebelde.

E porque ouvia freqüentemente que a república era a negação disso que me afligia e que em república todos eram iguais; porque em toda parte e em todas as épocas, a rebelião de miseráveis e de escravos trazia consigo essa palavra república; porque, finalmente, na escola nos faziam ignorar o mundo moderno para nos imbecilizar com uma história da Roma antiga, defeituosa e falsa, de maneira que não soube encontrar um modo de vida social fora das fórmulas romanas, me disse republicano e aquilo me pareceu resumir todos os desejos, todas as iras que ferviam no meu coração.

Não sabia exatamente como seria essa república, mas acreditava saber e me bastava: para mim a república era o reino da igualdade, do amor, da felicidade; era o sonho amoroso da minha fantasia traduzido na realidade.

Ah! Quantas palpitações agitavam meu jovem peito! Ora imaginava, novo Bruto, introduzindo aço no coração do César moderno; ora sonhava estar à frente de uma multidão de insurgidos ou sobre uma barricada investindo contra as forças do tirano; ora me supunha sobre uma tribuna discursando contra os inimigos do povo. Media minha altura e apalpava meus lábios para saber se despontava a barba. Ah! Com quanta ansiedade esperava tornar-me adulto, sair do colégio para consagrar-me inteiramente à causa republicana!

Enfim, o dia desejado chegou e entrei no mundo cheio de propósitos generosos, cheio de esperanças e de ilusões. De tanto sonhar com república, não podia fazer outra coisa que me atirar em toda parte onde me diziam existir uma tentativa, uma aspiração, um desejo

## Notas

### Livraria "Mauricio Tragtemberg"

O serviço de livreria "Mauricio Tragtemberg" do CCS-SP tem como principal característica o oferecimento de livros e revistas anarquistas e da área de humanidades em geral, com mais de 160 títulos de livros e mais de 30 números de revistas atualmente. Para adquirir algum dos exemplares os interessados podem ir à sede do CCS-SP, Rua General Jardim, nº 253, sobreloja 22, nos períodos de atividade, ou requerer por correio. Nesse caso, basta nos enviar carta ou e-mail com a lista dos livros que deseja, que retornaremos a disponibilidade em estoque e o valor, que deverá ser depositado em conta em nome do Centro de Cultura Social (banco Itaú, agência 0211, c/c 68704-1) e reportar o depósito, juntamente com o endereço para entrega. O prazo dado pelos correios é de 3 a 10 dias. Para conhecer a livreria acesse [www.ccssp.org](http://www.ccssp.org) ou solicite catálogo por correio.



### Biblioteca "Antonio Martinez"

Por se tratar de um espaço libertário, a manutenção de uma biblioteca voltada a títulos anarquistas é de grande importância. Após algumas tentativas, a biblioteca "Antonio Martinez" está completando o seu tombamento. De acordo com os informes constantes na sede do CCS-SP, estão ocorrendo trabalhos concentrados para terminar sua catalogação. De concreto tem-se cerca de 25% de títulos tombados, além de o espaço físico estar já dividido em boletins, fanzines, hemeroteca, cartazes, jornais e revistas, possibilitando fácil localização visual. Para o término dos trabalhos tem-se o prazo até o final do semestre, aproximadamente. Por enquanto, os encontros se dão aos sábados, antes de iniciar as atividades, começando às 14:00h. Aos que quiserem colaborar, sejam bem-vindos. Aquele que desejar ter informações da prévia do acervo já tombado solicite informações por e-mail: [ccssp@uol.com.br](mailto:ccssp@uol.com.br). Outra via de trabalho em andamento é o incremento do acervo. Além da compra de títulos, na medida do possível para incorporação ao acervo, propõe-se à captação de exemplares provindos de doações de editoras, universidades, outras bibliotecas e também particulares, caso haja interesse em doar títulos da área de humanidades e anarquistas.



### Bar "Errico Malatesta"

Um café...uma bebida... um bom papo...Tal com está nas chamadas para as atividades, o serviço de bar do CCS-SP funciona como uma maneira de estimular a interação entre os frequentadores do espaço como descontração. Um motivo a mais, além das atividades, para gostar de estar entre companheiros.



### Secretaria

Para os interessados, houve mudanças, de ordem impositiva, devido a exigências do novo código civil, de 2002, nos estatutos do Centro de Cultura Social, que estavam vigentes desde a última alteração em 1991. Em breve será divulgado o novo texto para consulta no site. A partir da última Assembléia Geral, em 18/08, a nova comissão administrativa do CCS-SP é constituída por: 1º. Secretário, Alberto Centurião; 2º. Secretária, Natalia Montebello; 1º. Tesoureiro, Francisco Ripó Neto; 2º. Tesoureiro, Nilton Melo. Foram ainda indicados para as demais comissões: de livreria, Nildo Avelino e Nilton Melo; de bar, Francisco Ripó Neto; de comunicação, Acácio Augusto, Robson Achiamé, Nildo Avelino, Thiago Parafuso e Anamaria Salles; de teatro, Alberto Centurião; e de biblioteca, Acácio Augusto e Nilton Melo. Para quaisquer informações sobre essas atividades, basta solicitar aos seus respectivos responsáveis.



### Tesouraria

O Centro de Cultura Social, conforme já conhecido, mantém-se por meio da colaboração espontânea de seus associados e de pessoas que frequentam e apóiam seu trabalho. Não tendo outra via de captação de recursos, toda ajuda é útil para manutenção do espaço e das atividades desenvolvidas. As pessoas que quiserem colaborar podem depositar o valor que considerar válido diretamente em conta corrente ou se quiser manter de forma constante, solicitar o envio de carnê de boleto bancário. A conta do CCS-SP é: banco Itaú, agência 0211, conta-corrente 68704-1. Abaixo segue o balancete do CCS-SP no período de dezembro de 2006 a agosto de 2007.

Saldo anterior 01/12/2006	R\$ 1.074,90
Entradas	R\$ 8.156,21
Saidas	R\$ 8.403,27
Saldo Final 18/08/07	R\$ 827,84
<b>Despesas ordinárias</b>	
Condomínio	R\$ 3.954,24
Copias/Gráfica	R\$ 357,15
Despesas com atividades	R\$ 226,67
Eletropaulo	R\$ 289,65
IPTU	R\$ 520,66
Itens de consumo	
(Escritório, limpeza, água etc)	R\$ 62,95
Manutenção	R\$ 681,90
Página/internet	R\$ 307,73
Postagem/correio	R\$ 154,15
Tarifas bancárias	R\$ 667,53
Telefônica	R\$ 106,90
Outras despesas	R\$ 1.073,74

## Programação:

### aos sábados, sempre às 16h

01/09 — "Novas tecnologias, software livre e resistências". Com Márcio Ferreira Jr., pesquisador do Nu-Sol, integrante do "projeto inversão sonora" e produtor da *dadarádio*, e Profº Drº Victor Sampedro Blanco, Universidad Rey Juan Carlos/Espanha.

15/09 — "Anarquistas expropriadores: uma crítica ao direito como ataque à propriedade privada". Com Acácio Augusto, integrante do CCS-SP e pesquisador no Nu-Sol.

22/09 — "Educação nos arquivos anarquistas". Com Rogério Nascimento, prof. Na UFPA, pesquisador no Nu-Sol, autor de "Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista" (Achiamé, 2000).

29/09 — "Os anarquistas nos arquivos do DOPS". Com Lúcia Parra, historiadora, estudante de biblioteconomia na ECA/USP, autora de "Combates pela liberdade: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945)" (AESP, 2003).

06/10 — [sujeito a confirmação] "Arquivos anarquistas no Brasil". Com Edgar Rodrigues, escritor e historiador do movimento anarquista brasileiro e português mais conhecido da atualidade; entre as dezenas de livros que escreveu, destacam-se "Socialismo e Sindicalismo no Brasil, 1675/1913" (1969), "Nacionalismo e Cultura Social, 1913-1922", (1972) e "Novos Rumos, 1922-1946", (1978), trilogia que forneceu muitas das bases históricas para as pesquisas sobre anarquismo no Brasil; integrante do CCS.

20/10 — "Anarquismo: roteiro da libertação social", re-edição do livro de Edgar Leuenroth (1881-1968) pela editora Achiamé e CCS, conhecido anarquista brasileiro, fundador do jornal "A Plebe" e cuidadoso arquivista da memória anarquista. Com a presença do editor e conversa com Christina Lopreato, profa. na UFU, autora de, entre outros, "O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917" e integrante do CCS.

27/10 — "As mulheres nos arquivos anarquistas e o AEL". Com Margareth Rago, profa. titular no IFLCH/UNICAMP, autora de, entre outros, "Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo" (Unesp, 2001) e integrante do CCS.

10/11 — "Errico Malatesta e a revolução russa". Com Nildo Avelino, pesquisador no Nu-Sol, autor de "Anarquistas: ética e antologia de existências" (Achiamé, 2004) e integrante do CCS.

24/11 — "Anarquistas na revolução russa". Com Sérgio Norte, professor na Unesp, autor de "Bakunin: sangue, suor e barricadas" (Papirus, 1988) e integrante do CCS.

01/12 — "As mulheres na revolução russa". Com Salete Oliveira, professora no Departamento de Política da PUC-SP, pesquisadora no Nu-Sol, co-autora, entre outros, de "Terrorismos" (Educa, 2006) e integrante do CCS; e Natalia Montebello, pesquisadora no Nu-Sol e integrante do CCS.

08/12 — Encerramento: "Emma Goldman na revolução Russa, aula vídeo-teatro", com Cibele Troyano. Concepção, produção e realização pelo Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP ([www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org)).



## EU, ÉMILE HENRY AULA-TEATRO-VIDEO 2

## EU, ÉMILE HENRY

3 de outubro, 19:30 horas,  
no tucarena

Com lançamento da  
revista **verve** 12.

## verve

Revista de atitudes. transita por limiares e instantes arruinadores de hierarquias. nela, não há dono, chefe, senhor, contador ou programador. **verve** é parte de uma associação livre formada por pessoas diferentes na igualdade. amigos. vive por si, para uns. instala-se numa universidade que alimenta o fogo da liberdade. **verve** é uma labareda que lambe corpos, gestos, movimentos e fluxos, como ardência. ela agita liberações. atça-me!

**verve** é uma revista semestral do nu-sol que estuda, pesquisa, publica, edita, grava e faz anarquias e abolicionismo penal.

## Cinema e anarquia

Imagens de subversão e subversões da imagem,  
aos domingos sempre às 15h  
(realização: ORGAP - Organização Anarco-Punk)

### CICLO: CONSUMO, GLOBALIZAÇÃO E RESISTÊNCIAS

02/09 — The Corporation (145min, 2003)

O filme procura desvendar os padrões comportamentais de alguns dos grandes conglomerados econômicos, surgimento e crescimento espetacular, até tornarem-se o modelo institucional dominante do nosso tempo.

Curta: Cemitério de Negr@s (12min.) —

Curta que trata sobre a autodemarcação de um cemitério quilombola invadido pela transnacional Aracruz Celulose na comunidade de Linharinho, no Espírito Santo.

09/09 — Surplus (52min, 2003) 09/09:

Filmado ao longo de três anos em oito países, o filme explora a natureza destrutiva da Sociedade de Consumo, desde os confrontos nas manifestações de Gênova, em 2001, até os cemitérios de navios indianos operados com mão-de-obra semi-escrava e as bonecas sexuais de silicone de 7.000 dólares da América.

Curta: Compre-me. Eu, vontade de morrer (27min., 2003 - Pedro Bayeux)

Como resistir? Esse curta constitui uma abordagem sobre a questão da resistência ao poder e à sociedade de consumo e controle.

16/09 — Curta: Ilha das Flores (1989, 13min.)

Um tomate é plantado, colhido, transportado e vendido num supermercado, mas apodrece e acaba no lixo. Acaba? Não. "Ilha das Flores" denuncia o percurso sombrio que uniformiza lixo, urubus, porcos, mulheres e crianças.

Boca de Lixo (1992, 49min - Eduardo Coutinho)

Documentário sobre o cotidiano dos catadores de lixo do vazadouro de Itaoca, em São Gonçalo, a 40km do centro do Rio de Janeiro.

### CICLO: ANTIFASCISMO E ATUALIDADES

23/09 — O Ódio (95min. - 1995 - VHS)

30/09 — Infiltrator - Em Busca da Verdade (98min. - 1995 - VHS) A história de um jornalista judeu que se infiltra no movimento neonazista alemão, penetrando um mundo de ódio e violência. Baseado em uma história verdadeira.

07/10 — Diário de um Skin (46min. - 2003 - DVD) / Skinheads - Málaga (12min. - DVD)

Documentário que narra as experiências de um jornalista no movimento neo-nazi espanhol e suas ligações entre as torcidas radicais de futebol.

Debatedor: Milton Yamamoto, jornalista (sujeito à confirmação)

### CICLO: MOSTRA DE VÍDEOS SOBRE O MOVIMENTO OKUPA NA ESPANHA:

14/10 — El Mirador - Movimento Okupa

Resistir es vencer

La Chispa que prende la mecha

### CICLO: PUNK, UMA AMEAÇA CONSTANTE?

21/10 — Punks 1983 (35min. - 1983 - DVD)

28/10 — Matéria-Prima (VHS)

Debatedores: Ivan Ribeiro (ACR) e Nildo Avelino (Nu-Sol, CCS)

11/11 — The Day The Country Died (DVD)

Documentário inglês sobre anarcopunk

### CICLO: CONTROLE MIDIÁTICO

18/11 — Curta: Igreja Universal (DVD)

Muito Além do Cidadão Kane (93min., Simon Hartog, 1993 - DVD)

Debatedor: Paulo Condini (responsável pela dublagem de "Muito Além do Cidadão Kane")

25/11 — "Mídia e Poder" (VHS, documentário)

Da propaganda de Goebbels, passando pelo marketing político americano, até as telenovelas na Índia, o documentário mostra as relações de poder entre as tecnologias de comunicação e as sociedades contemporâneas.

### ENCERRAMENTO:

02/12 — O Sétimo Selo, de Ingmar Bergman (1956, 100min).

## letralivre

### revista de cultura libertária

A revista tem por objetivo mostrar que o Anarquismo, que os não libertários pensam que é bagunça, é, pelo contrário, a ordem da ordem porque ela advém da responsabilidade de cada um, sem ser imposta por qualquer sistema de governo. Este é o objetivo. Principalmente informar e esclarecer a todos os que anseiam por sair da posição cômoda e bovina de participantes da globalização que a mídia convencional e comprometida tenta nos enfiar goela abaixo.



Leia, assine e presenteie os amigos

Caixa Postal 50083  
20062-970

Rio de Janeiro/RJ  
Telefax:

(0xx21) 2208-2979

[letralivre@gb.com.br](mailto:letralivre@gb.com.br)  
[www.achiamé.net](http://www.achiamé.net)

### Assinatura:

6 números R\$40,00

12 números R\$ 80,00

Assinatura de apoio

R\$140,00 (20 números)